

A Comuna e a Pós-modernidade

A compreensão da condição humana na pós-modernidade inclui a análise do modo como se configuram as identidades no mundo atual.

Vivemos em um período *sui generis* na evolução dos modos de socialização - a situação nunca foi mais complexa. Isso ocorre, pois a globalização encurtou as nossas noções de tempo e espaço, turvando os limites antes rígidos entre as populações. Além disso, o desejo de consumir que domina a lógica de nosso tempo impõe-se também em relação às identidades. *Construímos* (ou compramos?) identidades ao invés de *recebê-las*. Desse modo, ninguém é somente “isso” ou “aquilo”, e, sim, uma multiplicidade. As modas nunca mudaram tão rapidamente no curso da história humana, e o que ontem achávamos *in*, hoje encontramos ridículo; uma nova tecnologia pode repentinamente mudar o modo como nos relacionamos, sem que possamos nos preparar para tal; os etíopes, em Israel, compram a moda *black* americana. “Povoar o mundo” ganhou um novo sentido, e pode-se dizer que, de certa forma, todos estamos *por aí*, espiando um canto aqui e acolá de realidades distantes, em busca de alguma identificação. Aliás, diferenciar-se é o cerne da noção de indivíduo no mundo atual. Indivíduos iguais são encontrados somente sob a tirania de algum líder fascista, e por isso precisamos ir às compras.

Esse é o cenário. O nome da peça: falência da comunidade. As comunidades estão se dissolvendo, em todos os lugares. Os italianos, alemães, árabes, africanos e judeus que vieram ao Brasil, estão todos perdendo suas comunidades (suas lealdades, seus laços de fidelidade). Nesse sentido, portanto, o Habonim Dror é conservador. Conservador porque comunitário. Pois o Dror busca solidificar, até certo ponto, determinadas identidades; e faz isso numa realidade que tenta insistentemente liquefazê-las. Contudo, apesar de opor-se à lógica do momento, essa nostalgia do senso de comunidade não deve ser pensada como negativa. Ela funda positivamente o valor que compõe a essência de nosso movimento.

A questão a ser posta, em seguida, é: Que tipo de comunidade o Dror se propõe a construir? E é aqui que chegamos à matéria que nos concerne: a Comuna. Novamente, assim como podemos pensar o Kibutz de dois modos, o kibutz-lugar e o kibutz-caminho (os valores), proponho pensarmos a Comuna da mesma maneira. Assim, apesar de a maioria dos chaverim não viverem em comunas, podemos considerar que, na medida do possível, desenvolvem (ou queremos que desenvolvam) relações “comunais”. Esse é o maior mérito do Habonim Dror, a Comuna como seu valor supremo. Pois, como dizia Buber: “Se o homem permitir, o mundo do Isso, no seu contínuo crescimento, o invade e seu próprio Eu perde sua atualidade, até que o pesadelo sobre ele e o fantasma no seu interior sussurram um ao outro confessando sua perdição”.

A Comuna é a proposta de cura, e o doente é a sociedade. Em uma cidade grande, ninguém banca a sustentação do olhar. Fugimos do outro, por medo, ou temos vergonha de que um estranho nos veja no âmagô de nosso ser. Desaprendemos a importantíssima arte da civilidade, do saber se relacionar com um estranho, mesmo sem um passado compartilhado servindo como assunto, mesmo sem a perspectiva de um ganho futuro, mas de modo enriquecedor, como se na relação “déssemos as mãos e juntos avançássemos na trilha da humanização”, cuidando sempre para não desabar sobre esse estranho nossas tristezas e angústias privadas. (Pergunte-se: se você quisesse cumprir a *mitzvá* de convidar um estranho para o *Shabat*, que estranho você convidaria? Quem, na rua, você convidaria ou não convidaria para jantar em sua casa?). Não é de espantar, portanto, que gerações de chaverim regressem do Shnat Hachshará tendo feito muito pouco contato com a cultura e as populações árabes que constituem boa parte do

Estado de Israel. O lugar do árabe é o lugar do negro – o que é a favor da hipótese de que viemos de uma sociedade doente.

Além disso, a Comuna busca inverter o pólo das relações consumidor-produtor implicadas na lógica da sociedade atual. Aqui vale a pena lançar mão da metáfora de Bauman: “Os mecânicos de automóveis de hoje não são treinados para consertar motores quebrados ou danificados, mas apenas para retirar e jogar fora as peças usadas ou defeituosas e substituí-las por outras novas e seladas, diretamente da prateleira. Eles não têm a menor ideia da estrutura interna das “peças sobressalentes”, do modo misterioso como funcionam; não consideram esse entendimento e a habilidade que o acompanha como sua responsabilidade ou como parte de seu campo de competência”. Assim como o mecânico, costumamos substituir as “peças sobressalentes” sem nos importarmos em realmente conhecê-las. E parece que vivemos, a todo momento, cercados por caixas pretas hermeticamente fechadas. Não agüentamos postergar a satisfação, e descartamos os laços humanos que deixam de nos gerar um prazer quase imediato. Trabalhar duro para que num futuro mais distante recebamos a satisfação não faz mais parte de nossas apostas. Nós *consumimos* relações. Opondo-se a essa lógica, a Comuna nos incita a *produzi-las*. Pergunte-se: quantas relações humanas, em sua vida, você já *produziu*, ao invés de simplesmente *consumir*? Essa mesma ideia que rege a lógica da Comuna pode, aliás, ser encontrada em vários momentos da cultura judaica (o que poderia ser usado para reforçar nosso senso de comunidade).

A Comuna nos ensina muitas coisas, e não irei aqui perscrutar seu conteúdo até suas profundezas abissais. E, dada minha própria carência vivencial, recorro novamente a Buber para falar um pouco sobre a natureza das relações comunais. Imagine relacionar-se com alguém de tal modo que “Ele não é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas. Ele é Tu, sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte. Isto não significa que nada mais existe a não ser ele, mas que tudo o mais vive em *sua* luz”. Imagine conter seus impulsos egoístas reativos dado que “Quanto mais poderosa é a resposta, mais ela enlaça o Tu, tanto mais o reduz a um objeto. Somente o silêncio diante do Tu, o silêncio de todas as línguas, a espera silenciosa da palavra formulada, indiferenciada, pré-verbal, deixa ao Tu sua liberdade, estabelecendo-se com ele na retenção onde o espírito não se manifesta, mas está presente. Toda resposta amarra o Tu ao mundo do Isso”. E, por último, todos nós sabemos que a vida comunal pode dar origem a conflitos cuja intensidade não seria jamais experimentada em nossa solidão habitual. Mas não devemos baixar a cabeça, pois desvios no caminho são comuns e necessários: “aquele que experimenta imediatamente ódio está mais próximo da relação do que aquele que não sente nem amor nem ódio”.

Por fim, gostaria de dizer que a Comuna enquanto essência da comunidade que visamos construir não deve ser tomada como um cristalizador absoluto de identidades. Pois a abertura que ela tem em relação a seu meio (ainda não havia tocado neste ponto; ele refere-se, entre outras coisas, ao ideal comunal de fazer alguma diferença, ou trabalho social, no meio onde estamos inseridos) atesta certo grau de fluidez, mesmo sendo uma fluidez que ainda permanece sob as rédeas da comunidade. E espero que a Comuna não perca o sentido para aqueles que um dia a vivenciaram. É, realmente, a maior jóia de nosso movimento. É a cura que propomos para a sociedade. Por isso é urgente que analisemos o momento histórico em que estamos inseridos, e diagnosticuemos nossa sociedade como modo de mudarmos a nós mesmos.

-Eduardo Kives, 11/08/2013